

GRAINHA, Manuel Borges

Covilhã, 1862 – Lisboa, 1925

Borges Grainha nasceu na Covilhã, a 14 de janeiro de 1862. Tendo-se mudado para Lisboa depois de romper com os estudos sacerdotais jesuíticos que o ocuparam até 1886, frequentou o Curso Superior de Letras, que concluiu em 1899. Dedicou-se então ao ensino, mas também à escrita pedagógica, jornalística e política. Simpatizante dos ideais republicanos, revelou-se um aceso anticlericalista e antijesuíta, publicando artigos desse teor na imprensa, caracteres que deixam perceber o porquê de ter sido o diretor e organizador do efémero Museu da Revolução (do 5 de outubro), criado em 1910, aberto ao público em 1 de janeiro de 1911 (Fig. 1) e destruído no âmbito da tentativa monárquica frustrada de derrubar a República, liderada por João de Azevedo Coutinho, na noite de 20 para 21 de outubro de 1913 (Portugal, 1993). Por proposta do Inspetor das Bibliotecas Eruditas e Arquivos – Júlio Dantas – para constituição de um arquivo especial, Borges Grainha envolveu-se desde o início na criação do Arquivo das Congregações – que começou a coligir e estudar logo em junho de 1911, como vogal da Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas –, embora só tenha sido criado oficialmente pelo Decreto n.º 3410, de 28 de setembro de 1917, constituído por três secções (arquivo, biblioteca e museu), com vista a classificar e instalar convenientemente, para instrução do povo e estudo dos eruditos, os bens recolhidos nas antigas casas religiosas. Naquele mês de 1911 começaram a entrar manuscritos e diversos objetos (móveis, imagens, estátuas, hábitos, quadros,

retábulos, entre outros), provenientes de diversas casas congreganistas, sendo entregues ao cuidado de Borges Grainha, que os acondicionou paredes-meias com o Museu da Revolução e com o Vintém Preventivo, ocupando também a antiga biblioteca e igreja da Residência jesuíta da Rua do Quelhas, n.º 6. A tarefa de Borges Grainha na organização do Museu das Congregações (Fig. 2) não foi nada simples, quer pela falta de recursos humanos, quer de materiais e financeiros para ultimar os preparativos para a inauguração do museu e possibilitar a sua abertura e manutenção, a que se somou a concorrência de outras instituições pela ocupação dos espaços a si destinados, como a pretensão do Instituto Superior de Comércio, à qual Borges Grainha reagiu de forma enérgica junto do Governo, presidido por António Granjo, conseguindo por fim inaugurar o Museu, no dia 4 de outubro de 1924 (Grainha,



FIG. 1 A Sala do Regicídio no Museu da Revolução. Fotografia. 1911. © Benoiel / *Ilustração Portuguesa*, 9/1/1911, n.º 255.

1921). Uma portaria, de 24 de novembro de 1921, encarregou Borges Grainha de fiscalizar a aplicação da Lei da Separação e restantes leis anti-congreganistas. Sobre a secção museológica do Arquivo das Congregações e o seu organizador, é de realçar o testemunho de José de Castro deixado no *Livro de Honra* do museu, em 9 de março de 1925: “Este admirável museu que faz

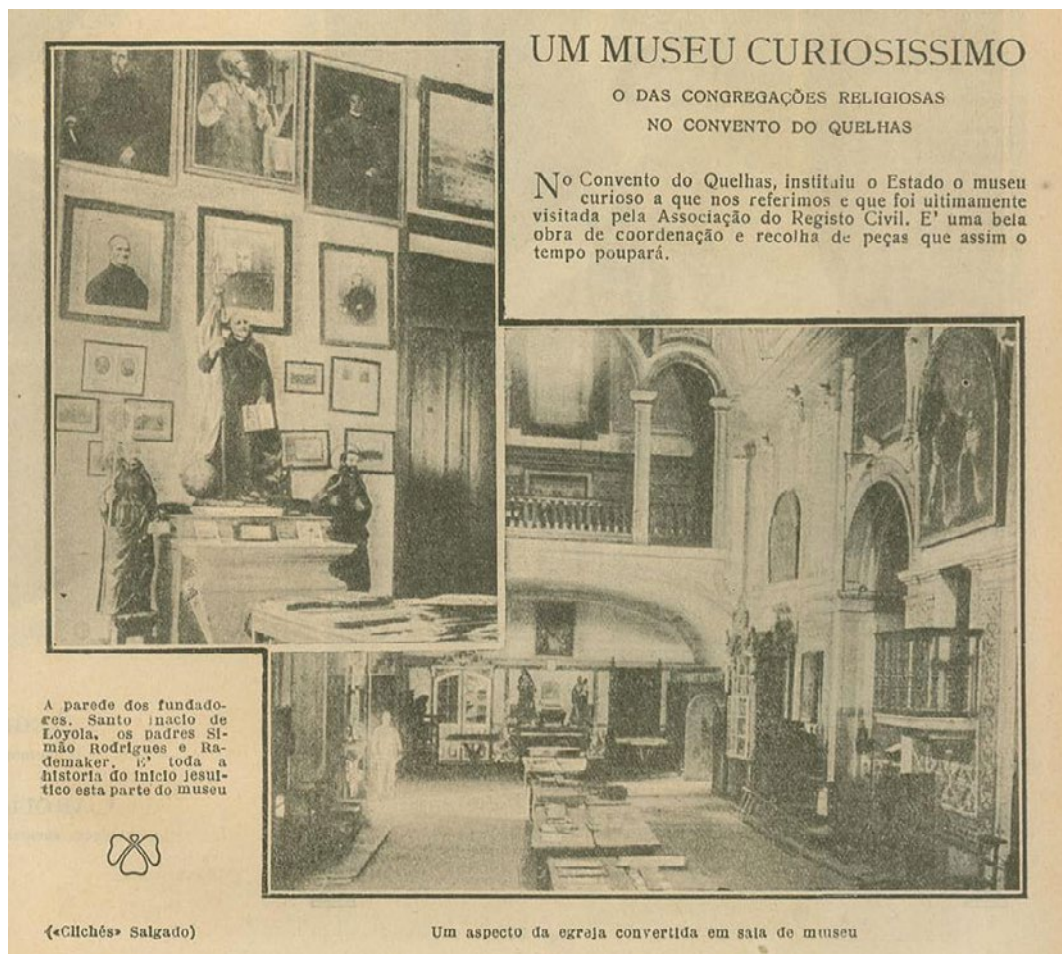


FIG. 2 O Museu das Congregações, instalado na igreja do Convento do Quelhas. Fotografia. 1921. © Salgado / *Ilustração Portuguesa*, 6/8/1921, n.º 807.

honra ao seu organizador – Snr. Borges Grainha – está destinado a ser uma das secções para o estudo da historia das religiões” (Castro, 1925). Em abril de 1925, já doente, Borges Grainha foi substituído por Aquilino Ribeiro na direção do Arquivo das Congregações. O ilustre substituto deixou um importante testemunho sobre a obra de Borges Grainha, que teria dado particular destaque à secção museológica do Arquivo das Congregações: “o denominado Museu é a secção melhor tratada e que não exige cuidados de intervenção, por agora” (Ribeiro, 1925). Como

figura privilegiada no contexto de nacionalização dos bens das ordens religiosas, Borges Grainha, enquanto diretor do Arquivo das Congregações, foi também um benemérito de alguns museus: exemplo de uma gravura representando o Colégio dos Jesuítas de Coimbra, entregue ao Museu Machado de Castro em novembro de 1917 (Carrilho, 2016, 266). Borges Grainha foi também maçom, tendo sido iniciado na Maçonaria em 1893. Nessa condição e como membro ativo da Liga Nacional de Instrução (promotora de congressos pedagógicos), aparecida em 1907,

foi um dos responsáveis pela organização da primeira Festa da Árvore, realizada no Seixal, no dia 26 de maio de 1907, com o objetivo de dar maior dinamismo à instrução, especialmente a primária (Ventura, 2013, 389). A um inquérito de 1914, de Ana de Castro Osório, sobre o papel da mulher na Maçonaria, apesar de ser favorável à presença da mulher no seio da ordem maçónica, tinha reservas sobre a igualdade de estatuto e a sua emancipação em termos iniciáticos, considerando que era um assunto que merecia discussão (Ventura, 2013, 500-502), o que contribuiu ao abandono do Grande Oriente Lusitano Unido, por parte da loja feminina Humanidade. Borges Grainha foi autor de vários títulos respetivos às suas diferentes facetas, entre outros: *Os Jesuítas e as Congregações Religiosas em Portugal nos Últimos Trinta Anos: A Propósito do Caso das Trinas* (1891); *Prefácio à História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus* (1913); *Les Jesuites en Portugal de 1834 à 1910. Contribution à l'étude et à l'interprétation des lois du 8 octobre et 31 décembre 1910* (1915); *O Portugal Jesuíta* (1893); *História da franco-maçonaria em Portugal: 1733-1912* (1912); *A Instrução Secundária de Ambos os Sexos no Estrangeiro e em Portugal* (1905); *O Alfabetismo em Portugal: Suas Causas e Meios de as Remover* (1908).

Faleceu em Lisboa, a 4 de abril de 1925.

BIBLIOGRAFIA

- CARRILHO, António Jorge Botelho. Janeiro de 2016. *Os Museus em Portugal durante a 1.ª República*. Tese de Doutoramento em História, Universidade de Évora.
- “Decreto n.º 3410”. 28 de setembro de 1917”, *Diário do Governo*, I Série, n.º 168: 945
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa – Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Lda., 4: 934;
- PORTUGAL, Idalina.1993. «O Museu da Revolução da I República Portuguesa nas páginas de *O Século*, 1910-1913: notas e comentários». Lisboa: Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*: 1;
- OCCIDENTE: *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. 20 de outubro de 1910. XXXIII Volume, n.º 1144 e 1145.
- VENTURA, António. 2013. *Uma História da Maçonaria em Portugal 1727 – 1986*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Arquivos

Arquivo das Congregações. 1921-1925. ANTT: AC.mç 29, mct. 4

Livro de Honra do Museu das Congregações. Lisboa: ANTT: AC.Liv.1239

[A.C.]

ANTÓNIO JORGE BOTELHO CARRILHO natural de Portalegre, nascido a 5 de maio de 1974. Licenciado em História pela Universidade de Coimbra, com 15 valores (1997); Mestre em Museologia pela Universidade de Évora, com classificação final de Muito Bom (2003); Pós-graduado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com 15 valores (2005); Doutor em História pela Universidade de Évora, com a tese *Os Museus em Portugal durante a 1.ª República*, com Distinção e Louvor (2015). Professor do Ensino Básico e Secundário entre 1996 e 2003. Desde 2003, Técnico Superior na Câmara Municipal de Lagos.